



# A ÉTICA A PARTIR DA ALTERIDADE NA FILOSOFIA DE EMMANUEL LÉVINAS<sup>1</sup>

Ramiro Nazário de Araújo

Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)  
[ramiro.nazario2014@gmail.com](mailto:ramiro.nazario2014@gmail.com)

**Resumo:** O seguinte trabalho pretende apresentar, da maneira mais clara possível, o pensamento filosófico de Emmanuel Lévinas e a sua contribuição na construção de uma nova perspectiva do conceito de ética: a ética da alteridade. A intenção é discutir o sentido dessa proposta ética como filosofia primeira, apresentando o que isso significa dentro do pensamento do autor, bem como a possível contribuição da alteridade dentro do pensamento filosófico ético ocidental. Lévinas traz um sentido novo a esse tema que é permanente dentro da filosofia e traduz, na sua forma própria de escrever e pensar, a realidade na qual o mundo contemporâneo está inserido. Em outras palavras, a ética não é um conceito e nem um modelo mesmificante, mas uma abertura e promoção da relação com a pessoa do Outro, que Lévinas denomina como Outrem. E é exatamente esse Outrem o centro da discussão que dá sentido à alteridade levinasiana.

**Palavras-chave:** Alteridade, Ética, Outro.

## Introdução

Quando se fala de ética, dirigimo-nos a diversos assuntos que tratam da vida e das relações humanas. Pois ela é a disciplina que

---

1 Trata-se de meu Trabalho de Conclusão de Curso, acessível apenas em formato CD-ROM, reformulado em alguns pontos a partir dos pareceres cegos recebidos pelos avaliadores da *Revista Eros*, a quem agradeço. Conferir: ARAÚJO, 2018.

tematiza o dever ser do homem, orientando-o e fazendo com que ele reflita sobre seus comportamentos e ações sobre ele mesmo e a natureza de uma forma individual bem como comunitária. Ela sempre está aberta a discussões, pois em certos casos, também é posta em questão a respeito de sua veracidade e realização prática. Ela pode ser entendida como um conceito universal, como, por exemplo, não matarás, que tem um significado claro e objetivo para todos. No entanto, ela também será entendida de acordo com a realidade onde será aplicada. Aquilo que é ético para uma determinada cultura, pode não o ser para outra. A ética existe para o homem e é um fruto dele para ele mesmo. Pois ela nasce na medida em que a comunidade cresce, se estabelece e se afirma enquanto sociedade. Por isso a ética é necessária para manter a ordem nas relações, nas divisões, na contemporaneidade, na vida do homem e sua relação com o meio no qual ele está inserido.

A ética que será apresentada aqui é uma proposta feita pelo filósofo Emmanuel Lévinas<sup>2</sup> e está voltada para a alteridade. Lévinas tem em toda a sua filosofia a ética como fundamento primeiro, e entender o humano e suas relações é uma prioridade, pois é a partir do homem que se dá toda possibilidade e realização, tanto na vida pessoal quanto no progresso do mundo. No entanto, Lévinas vai trabalhar o conceito de ética de forma particular, não que ele negue os conceitos de ética por outros autores, mas ele entende que há outro sentindo a ser dado e complementado quando nos referimos a essa questão. A sua ética filosófica se dá por conta da pessoa do Outro, que ele tem como um

---

2 Nasceu em Kaunas, na Lituânia, em 12 de janeiro de 1906, no seio de uma família judia. Iniciou seus estudos aos 11 anos em Karkhov, na Ucrânia russa. Em 1923, então aos 18 anos, concluiu sua formação secundária, partindo para Estrasburgo, França, onde iniciou os estudos filosóficos. Algumas de suas principais obras e respectivas datas de publicação: *Da existência ao existente* (1947), *Totalidade e Infinito* (1961), *Humanismo do Outro Homem* (1972), *De Outro Modo que Ser ou Além da Essência* (1974). Lévinas morreu na manhã de 25 de dezembro de 1995, então com 89 anos. (ZILES, 2016, p. 96)

protagonista e sujeito da realização prática do agir ético, ou seja, em todo o seu pensamento é sempre o Outro que será motivo de discussão a partir de um Eu. Por isso é que é dado um novo conceito de ética a partir da perspectiva da relação pessoal com o Outro, à qual se dá o nome “alteridade”.

Conhecido como o filósofo da alteridade, Emmanuel Lévinas aborda este conceito a partir da pessoa humana, pois é entendido que alteridade é tudo aquilo que diz respeito ao exterior da pessoa, ou seja, é tudo aquilo que não sou Eu. Por isso, levando-se em conta a realidade atual do mundo, onde todas as outras coisas são valorizadas exteriormente e a negação do outro está visivelmente diante dos olhos, a alteridade levinasiana passa a ser vista, por alguns, como uma utopia pelo simples fato de se buscar reverter a posição atual do mundo em relação à ética para com as pessoas. Ou seja, Lévinas pretende mostrar na sua forma de pensar que a ética deveria ser considerada como filosofia primeira, superando até a ontologia tão buscada no mundo filosófico.

Todas essas coisas são como que um obstáculo para a efetivação da alteridade entre as pessoas. Uma vez que a cultura do consumismo, a pressa do mundo dos negócios, o progresso da ciência e das tecnologias, a instrumentalização da arte e a persuasão da estética como perfeição afetam a vida das pessoas, elas passam a viver em um mundo voltado somente para o egocentrismo e com isso, uma vida de angústia e solidão. Em sua maneira particular de perceber o mundo, Lévinas chama esse momento de *Mesmo*, que para ela significa “[...] a redução do Outro expressada na totalidade, no domínio e na violência.” (MARTINS; LEPARGNEUR, 2014, p. 6). Sendo assim, é compreendido que não é da natureza humana viver exclusivamente para si. Antes o homem tem a necessidade de viver em comunidade.<sup>3</sup> Em outras palavras, seria quase

---

<sup>3</sup> Segundo Aristóteles, “[...] o homem, por natureza, é um animal político” (ARISTÓTELES, 2008, p. 56), ou seja, nascido para ter uma vida social, dentro da *pólis*,

impossível o homem viver sozinho e isolado. E por mais que ele tenha o seu Eu como uma companhia, não será suficiente para suprir suas necessidades afetivas. Lévinas combate justamente essa violência a qual o homem comete contra ele mesmo, bem como contra seus semelhantes. Já se tornou normal, em todos os dias, sairmos de casa e por conta da pressa não olharmos para aqueles que passam por nós e que não nos afetam em nada, porque estamos tão ocupados em caminhar em direção ao ponto de chegada e executar, às vezes de forma mecânica, o que fomos confiados a fazer, que o Outro nem me alcança os olhos e ele permanece sempre mais um entre muitos que existem. A ética da alteridade vem trazer à reflexão justamente essa forma de tratamento entre as pessoas, pois embora cada indivíduo tenha sua particularidade e seus interesses pessoais, embora cada sujeito tenha sua identidade, todos têm em comum a sua humanidade, portanto a sua natureza, ou seja, todos são semelhantes enquanto pessoa, embora divergentes nas suas características, escolhas e comportamentos.

A filosofia recebe a missão de fazer com que o homem contemporâneo possa, por uns instantes, parar e olhar para si com o intuito de questionar-se a respeito de sua existência e posição no mundo, mundo este no qual é transformado ou até mesmo é uma extensão da vontade humana, na medida em que ele mesmo altera ou constrói a suas próprias leis e regências morais e sociais. Lévinas é um filósofo da contemporaneidade. Ele entende as correntes de pensamento que surgiram por conta da necessidade humana de afirmar-se como homem, e é justamente por isso que ele preocupa-se em escrever a sua realidade buscando sempre permanecer naquilo que ele acredita como filosofia e vida, a ética da alteridade. Dado isso, fica a

---

onde se relaciona com seus semelhantes, pois é dentro da comunidade que ele alcança sua completude e se realiza enquanto homem. Assim ele não pode viver em um mundo isolado voltado para si, pois só é possível uma vida assim para as bestas selvagens e os gloriosos deuses.

seguinte questão: É possível que a alteridade seja um meio para uma vida de respeito mútuo e aceitação do Outro tal como ele é?

Ao longo deste trabalho, utilizando o método bibliográfico, tentaremos abordar esse tema em três tópicos. O primeiro vai falar sobre o que Lévinas entende sobre o conceito de homem, pois é de extrema importância entender esse ponto para iniciar um estudo levinasiano. No segundo tópico será abordado o tema propriamente dito desta pesquisa, sobre a questão da alteridade, e por fim, no terceiro tratará das dificuldades que a alteridade encontra para sua efetivação dentro da vida humana. O objetivo desta pesquisa é trazer o tema para a discussão filosófica e a importância da alteridade dentro do mundo das relações humanas. A principal fonte de pesquisa é a obra *Entre nós: ensaios sobre alteridade*.

## **1 O homem em Lévinas**

### 1.1 A Ontologia

Para Lévinas, é necessário e extremamente importante conhecer o ser, embora isso seja um desafio não deixa de ser pertinente. Ao seu julgar, elevar o homem ao grau de conceito é passar despercebidamente ou reduzi-lo a um mero instrumento ou objeto. Pois este se manifesta de forma plena que não se é possível apenas olhá-lo e dizer o que ele é sem nunca ter tocado diretamente sua essência, e para a realização de tal ato, a Ontologia<sup>4</sup> é a primeira ferramenta que auxilia nessa busca. Lévinas

---

4 A ontologia é o ser e o "si mesmo" concebido por Lévinas como horizonte fenomenológico de inteligibilidade dos entes, inclusive do ente humano. Separar-se da ontologia e do ser significa, em primeiro lugar, sair de uma compreensão de uma ontologia constituída como a que foi determinante no pensamento filosófico ocidental. (MARTINS, 2014, p. 5).

tem seu modelo próprio de Ontologia que de certa forma difere da Ontologia tradicional, essa é uma grande característica de sua filosofia.

Lévinas diz que: “A ontologia, dita autêntica, coincide com a facticidade da existência temporal. Compreender o ser enquanto ser é existir”. (LÉVINAS, 1997, p. 22), dito isso é entendido que se faz necessário passar pelo campo ontológico na busca pela compreensão e não definição, pois definir dá ideia de acabado, sem mais termos ou continuidade. Tudo o que é definido tende a ser finalizado em si mesmo, e, segundo Lévinas na citação acima, o ser está diretamente ligado à existência, e esta ligação não é de qualquer forma, mas temporal, ou seja, ao real, e não somente no mundo conceitual. Aqui Lévinas faz um comentário crítico à ontologia do mundo clássico, em que se pensava em homem apenas no mundo racional, mas a partir de uma nova perspectiva de ontologia no mundo atual, isso não é mais tão eficaz, uma vez que este mesmo homem está em constante mudança e se expressa de forma concreta na realidade.

Para Lévinas toda afirmação que é feita na filosofia tende, de certa forma, a ser um saber absoluto. Como se a vida humana fosse iniciada na razão, porém ele afirma que a vida humana começa na relação, ou seja, no contato que temos com os outros seres humanos. Lévinas diz que não é mais possível pensar o homem no campo da contemplação, mas é necessário estar inserido, junto com ele, onde ele estiver. (LÉVINAS, 1997, p. 23). Assim explica Lévinas:

O homem inteiro é ontologia. Sua obra científica, sua vida afetiva, a satisfação de suas necessidades e seu trabalho, sua vida social e sua morte articulam, com um rigor que reserva a cada um destes momentos uma função determinada, a compreensão do ser ou a verdade. (LÉVINAS, 1997, p. 22).

A filosofia deve perpassar por todos os momentos da vida humana, com o intuito de acompanhá-lo, mas não de forma observadora como que num experimento com o objetivo final de conclusão, mas como alicerce que o sustenta e o direciona durante toda sua vida, e mesmo assim, ela tende a manter-se sempre ao lado como apoio e não como fundamento único. Pois segundo Lévinas, “Quando filosofia e vida se confundem não se sabe mais se alguém se debruça sobre a filosofia, porque ela é vida, ou se preza a vida, porque ela é filosofia.” (LÉVINAS, 1997, p. 23).

A ontologia como peça primeira, mas não única, na construção do entendimento do ser, é uma via segura para se alcançar, em passos lentos, a significação de homem, sempre levando em conta suas estruturas subjetivas em relação a ele mesmo bem como em relação ao outro. Lévinas diz que: “A ontologia é a essência de toda relação com os seres e até de toda relação no ser” (LÉVINAS, 1997, p. 25).

Assim se entende a leitura filosófica de Lévinas para quem a essência da filosofia é a superação do ser a partir do outro e não a superação do ente no ser como podemos notar em Heidegger. Pois Lévinas faz uma crítica à filosofia do ser heideggeriano e busca outro modo de relação com o ente. Segundo Lévinas: “O ser cognoscente deixa o ser conhecido manifestar-se, respeitando a sua alteridade e sem o marcar, seja no que for, pela relação de conhecimento” (LÉVINAS, 1980, p. 29). Sendo assim, para Lévinas o ser é algo que simplesmente acontece, e esse acontecer do ser é que deve ser acompanhado, percebido pela filosofia. A filosofia é um recurso no processo de perceber o que o ser manifesta, ela interpreta seu sentido, coloca-o de manifesto. O ser, portanto, aparece e a filosofia fala sobre ele, evidencia-o, isto é, colabora para sua manifestação.

## 1.2 O humano

Lévinas busca uma compreensão do humano a partir da relação (ética) e não da ontologia, pois ele pretende entender a questão humana, ou seja, a subjetividade que está presente na dimensão do homem. Em primeiro, há a divergência entre o homem ontológico que pensa e raciocina a partir de si mesmo, no caso de Descartes. Aqui ele é único e primeiro. Não apresenta nenhuma necessidade do Outro para poder existir. Nele mesmo se encontram as respostas e sentido para sua vida, ou seja, o homem é puramente razão, no entanto em Lévinas esse homem se dá pela sensibilidade e responsabilidade, pois mesmo a razão não é capaz de antecipar a afetação que o Outro tem diante do Eu. (LÉVINAS, 1980, p. 79).

Não se pode raciocinar a respeito do contato com Outrem, pois esse contato se dá por meio da carne, ou seja, da sensibilidade e dos sentidos. Depois este homem é responsável por Outrem, justamente por conta do contato e até mesmo antes disso e isso a razão por si só não compreende. Segundo Lévinas: “O homem é o único ser que não posso encontrar sem lhe exprimir este encontro mesmo. O encontro distingue-se do conhecimento justamente por isso. Há em toda atitude referente ao humano uma saudação – até quando há recusa de saudar” (LÉVINAS, 1997, p. 28).

Em segundo, é apresentado o homem como um ser ético que busca uma nobreza em seu comportamento a partir de suas relações externas, tendo o Outro como um protagonista para a realização da ética. Lévinas finalmente diz que o homem de fato se dá pela ética, pelo contato com Outrem, pois é a partir do Outro que é exercitada a responsabilidade, realização e efetivação da ética pelo Eu. O homem é um sujeito que está sujeito à dependência do seu redor. Por isso mesmo é que para Lévinas a ética é a *prima* filosofia, ou seja, todo sentido sempre aparece primeiro no encontro, nas relações, na afetividade do

contato. Não há uma anterioridade do pensamento que antecipe o contato entre os homens. Tudo começa pelo encontro entre os sujeitos e desse encontro emerge a construção de sentidos, significados.

## **2 A ética da alteridade**

O homem contemporâneo está, a todo instante, na busca de satisfação de suas necessidades básicas, às vezes, entendendo o fato de existir como um peso. Vive em uma angústia profunda por conta de saber que morrerá a qualquer momento, e isso faz com que ele viva a buscar suas realizações pessoais tanto no mundo do trabalho, bem como no mundo afetivo. (OLIVEIRA, 2009, p. 80). Lévinas, ao enxergar essa realidade, propõe que esse homem, apesar de sua vida corriqueira, não deixe de perceber seus semelhantes que estão presentes no seu dia a dia.

Lévinas diz que: “O pensamento ocidental, e a modernidade de forma especial, têm refletido intensamente sobre o eu e sua condição racional, porém muito pouco sobre a dimensão da alteridade”. (LÉVINAS, 2008, p. 118). Nesta perspectiva, entende-se que o Outro não é tido como importante para o Eu e sua afirmação de existente, mas que esse Outro não interpela em nada na condição do Eu. Esse Eu pode viver de forma independente e voltado para si, sem diretamente estar sujeito à relação com o Outro. Pois a alteridade não é uma preocupação pertinente na vida social do homem moderno, homem esse que vive suas preocupações cotidianas e que passa rapidamente pelo Outro sem notá-lo. Segundo Lévinas, “A presença periférica do outro no pensamento ocidental fez, em geral, que a alteridade fosse significada como um componente acessório e instrumental do sistema”. (SOUZA; FARIAS; FABRI, 2008, p. 119).

No entanto, a questão do Outro sempre esteve presente de várias formas e abordada de várias maneiras dentro do pensamento filosófico<sup>5</sup>, pois esse Outro é o que dá sustento às afirmações e indagações que dizem respeito à vida humana,

[...] contudo, as múltiplas abordagens da alteridade humana na história da filosofia consideraram em geral a alteridade como uma categoria filosófica secundária, residual ou no máximo complementar dentro de cada um dos sistemas filosóficos (SOUZA; FARIAS; FABRI, 2008, p. 119).

E por não ter sido reconhecida como ética, mas apenas como uma dimensão que nem sempre era levada em consideração, a alteridade não ganhou tanto destaque nos espaços de discussão.

## 2.1 A questão do Outro

Toda a filosofia de Emmanuel Lévinas tem como centro primordial a ética. Ela não é entendida apenas como um conceito de leis morais,

---

5 "A referência à alteridade humana se encontra presente, por exemplo, no pensamento de Aristóteles, quando faz seu estudo sobre a justiça no livro V da *Ética a Nicômaco*. Para ele a justiça é a virtude que, diferentemente das demais virtudes, existe em relação ao outro. [...] A prática da justiça torna a pessoa justa, mas o justo está sempre em relação ao outro para quem realiza a justiça. [...] Certamente que até em Descartes encontramos referências ainda que muito limitadas, à alteridade. Entre elas podemos destacar a ideia de infinito. O infinito é uma ideia que se apresenta ao eu como um Outro. [...] Esse outro infinito é concebido como uma ideia racional. [...] Não há dúvidas que Kant, ao formular com muita precisão que: a pessoa do outro é sempre um fim e nunca só um meio, incorporou a alteridade na sua ética. [...] O outro, na máxima kantiana, é reconhecido como critério universal da validade de uma ação prática." (SOUZA; FARIAS; FABRI, 2008, pp. 119, 124, 125-127).

mas como filosofia primeira, e dentro dessa corrente está à alteridade, e a alteridade tem seu fundamento e sentindo somente na pessoa do Outro. Não é possível de forma alguma falar de alteridade sem ter como protagonista o Outro. Este Outro é e sempre será um Outro – *Outrem*, completo e infinito que existe independentemente do Eu. (MARTINS, 2014, p. 8).

O Eu o reconhece enquanto existente igual e semelhante a si, no entanto, o Eu jamais poderá alcançá-lo em sua totalidade, pois embora esse Outro esteja visivelmente diante do Eu, haverá um abismo eterno entre um e outro, pois mesmo que seja possível conhecer os traços físicos revelados pelo Rosto do Outro, sua epifania será sempre um mistério. Segundo Hutchens: “Na verdade, nunca podemos falar sobre o Outro já que a face é um enigma. A outra pessoa é sempre mais que aquilo que dizemos que ela é – e também diferente.” (HUNTCHENS, 2007, p. 76) e ainda sobre essa questão do Outro, Rogério Martins complementa dizendo que:

A compreensão do Outro em Lévinas exige que o Outro continue sendo sempre o Outro e não “outro eu”. O Outro como Alteridade não pode ser conceituado, mas permanece concreto. O Outro permanece sempre o outro metafísico do qual o Eu necessita. O Outro é o absolutamente outro – *Outrem*. O Outro não é absolutamente minha representação; é o caminho do infinito que, essencialmente, me escapa. (MARTINS, 2014, p. 8).

Aqui podemos entender que Lévinas faz uma distinção entre o Eu e o Outro. O primeiro está no campo da unicidade, uma separação, uma individualidade: Lévinas chama isso de ipseidade, que é para o Eu um momento íntimo e único consigo mesmo. Sobre esse conceito, Rogério Martins explica que:

A unicidade do Eu não consiste apenas em encontrar-se num exemplar único, mas em existir sem ter gênero, sem ser individuação de um conceito. A ipseidade do eu consiste em ficar fora da distinção do individual e do geral. (MARTINS, 2014, p. 6).

O segundo, ele o coloca como outro ser divergente do primeiro.

O Outro se manifesta através do Rosto, esse Rosto é o primeiro contato que o Eu faz com ele. Pelo Rosto o Outro é revelado como infinito, e uma vez sendo infinito ele não pode estar sujeito à dependência do Eu para existir. Assim diz Lévinas:

O outro que se manifesta no Rosto perpassa de alguma forma sua própria essência plástica, como um ser que abraça a janela onde sua figura, no entanto já se desenhava. É precisamente isto que nós descrevemos pela fórmula: o rosto fala. (LÉVINAS, 1993, p. 59).

O Rosto revela o Outro tal e qual ele é, sem nenhuma ideia imposta pelo Eu sobre ele. O Outro está exposto pelo Rosto de forma absoluta, como que se ele estivesse vulnerável em toda sua totalidade. Ele se dá a conhecer diretamente pelo contato face a face e mostra-se de forma real aquilo que o Eu não consegue enxergar de imediato. Assim, diz Lévinas: "A visitação do Rosto não é, portanto, o desvelamento de um mundo. No concreto do mundo, o rosto é abstrato ou nu. Ele é despido de sua própria imagem. É somente pela nudez do rosto que a nudez em si chega a ser possível no mundo". (LÉVINAS, 1993, p. 59).

## 2.2 A responsabilidade pelo Outro

Mais uma vez é abordada a crítica ao Ocidente e sua forma de atuar sobre a vida humana. É apresentada a razão como uma única estrutura de condução do homem, no qual é possível coordenar todas as dimensões da vida, sejam elas afetivas ou sociais. O Ocidente tende a prender-se de forma absoluta a racionalidade, mesmo que isso leve a negar ou a diminuir a pessoa do Outro em prol do progresso. Hutchens diz que: “É preciso que tudo seja conhecido, compreendido, sintetizado, analisado, utilizado; se alguma coisa não pode ser capitada pela mente racionalista, ela é considerada irrelevante ou um mau presságio.” (HUTCHENS, 2007, p. 29). Parece que tudo está sob o domínio ou controle da razão e o que não for possível ser conhecido não é lavado em conta, como por exemplo, Deus. É necessário ter um sistema no qual a ordem do mundo seja pensada e mecanicamente executada. Conforme Hutchens: “Nada parece poder resistir à ordem racional da ciência, à ordem tecnológica da utilidade e à ordem política da justiça”. (HUTCHENS, 2007, p. 29). E tudo isso influencia diretamente na responsabilidade para com o Outro. O Eu é quem está diante dessa realidade, na qual ele se faz presente e atuante. Ele é o responsável pela responsabilidade dos fatos, porém segundo Hutchens:

O Eu se perde progressivamente, desaparecendo na totalidade que ele fez para si próprio. [...] Emoções, crenças religiosas, prazer sexual e qualquer coisa íntima sobre o Eu já são partes da economia técnica do racionalismo. Não existe nada fora ou dentro dessa totalidade que não seja interpretado por meio dos valores da redução racional. (HUTCHENS, 2007, p. 32).

Em Lévinas a responsabilidade é a responsabilidade pelo Outro. Uma vez que esse outro se apresenta ao Eu pelo Rosto, de maneira gratuita, o Eu se torna responsável diretamente pelo Outro, pois ele já não é mais um inexistente, mas a partir da relação face a face ele já passa a ter uma identidade e uma relação com o Eu, portanto alteridade. Hutchens vai dizer que:

A responsabilidade antecede a liberdade. O critério decisivo é o Outro que antecede o Eu. A liberdade do Eu se esbarra na responsabilidade pelo Outro que se me impõe. O Rosto é presença viva, é expressão. [...] Acolher o outro – Outrem – é por minha liberdade em questão. (HUTCHENS, 2007, p. 8).

A liberdade aqui não é entendida como antônimo de escravidão, mas pelo fato de que não se pode escolher ser responsável pelo Outro, a responsabilidade antecede a razão e até mesmo o contato, pois ela não nasce na razão, mas na sensibilidade, na sua subjetividade alterada pelo Outro. E quando há o contato com o Rosto, já acontece a alteridade, ou seja, já passo a ver o Outro como Outrem e por conta disso, já sou contagiado por ele, logo não posso ser indiferente a ele, pois ele existe agora concretamente para mim. Ou seja, o Eu já está consciente da existência de Outrem.

### **3 As dificuldades da alteridade atualmente**

As intensões humanas em relação a sua própria vida e existência mudam de acordo com o tempo e suas necessidades. Embora ele busque uma melhoria em sua estrutura social, usando técnicas e inovando projetos para a evolução dos seus negócios ele o faz não

somente com o intuito de qualidade de vida, mas em muitos casos com o propósito de dominação. E se há quem domine, logo haverá os dominados. (JONAS, 2006). Por conta desse desejo, o homem passa a perder sua própria humanidade quando ele fere seus semelhantes em prol do progresso. Ele cresce e se desenvolve na sua tecnologia e conhecimento sobre a natureza, mas regride nas suas relações humanas. Segundo Lévinas:

A crise do humanismo em nossa época tem sem dúvida sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições." (LÉVINAS, 1993, p. 82).

Aparentemente, hoje em dia é mais valioso e caro o investimento na ciência do que investir nos valores que tornam o homem humano. É mais fácil tratar daquilo que é criação do Eu, pois é ele quem domina e manipula o seu fruto, do que tratar de assuntos que dizem respeito aos sentimentos e valores éticos, tendo a pessoa do Outro como protagonista da relação do que como instrumento manipulável. Na medida em que os desejos pelo poder econômico e político crescem, vai sendo reduzida a preocupação de responsabilidade pelo Outro. Lévinas diz que:

No mundo, em que as coisas estão em seu lugar, em que os olhos, as mãos e os pés sabem encontrá-las, em que a ciência prolonga a topografia da percepção e da *práxis*, mesmo ao transfigurar seu espaço; nos lugares onde se localizam cidades e campos que os humanos habitam, ordenando-se, segundo diversos conjuntos, entre os *entes*; em toda esta realidade "correta", contra-senso dos vastos empreendimentos frustrados – em que política e

técnica resultam na negação dos projetos que os norteiam – mostra a inconsciência do homem, joguete de suas obras. (LÉVINAS, 1993, p. 82).

Dado o conceito de que Alteridade significa outro, ou seja, tudo aquilo que não é Eu, pode ser entendido que o Eu não é exatamente o grande protagonista na questão ética levinasiana, para Lévinas a alteridade se dá por conta do Outro, da pessoa humana, do semelhante que está diante do Eu. Ela se dá de homem para homem, portanto através da ética. E essa alteridade se justifica pela responsabilidade do Eu para com o Outro. E é exatamente essa corrente de pensamento na qual o mundo atual não faz menção nos seus pronunciamentos com a intensão de proteger a dignidade humana, mas sempre com o interesse particular sobre o que pode ganhar em cima de tal ação. Conforme Lévinas: “A ineficácia da ação humana ensina a precariedade do conceito: homem. Mas pensar a ação humana ao nível do trabalho e do mandamento é abordá-la em suas formas derivadas.” (LÉVINAS, 1993, p. 88).

Uma das coisas que nega a alteridade é a violência. Lévinas entende por violência a negação da alteridade humana, que é possível por conta da ontologia que reduz o homem ao conceito. E não se pode usar nenhum tipo de critério que leva a redução do Outro ao nível de objeto. Conforme Rogério Martins: “O Outro, quando reduzido a conceito, perde a capacidade de mostrar-se na singularidade do seu próprio eu. É a percepção do Outro a partir do Eu.” (MARTINS, 2014, p. 9). Uma vez violentando o Outro na redução de seu significado para objeto, passa a ser manipulável, e fica fácil intervir sobre ele de forma instrumental. A superação da violência, em Levinas, se dá pela ética na doação do Eu para o Outro de forma gratuita sem esperar reciprocidade. Essa doação também está presente na ação ética de forma prática, no cotidiano por exemplo.

## **Conclusão**

A questão da alteridade repercutirá cada vez em que for falada a respeito do Outro, não importando em qual dimensão ou até mesmo corrente filosófica essa discussão se dê. Se dirigir ao Outro como um sujeito que está para além de mim, é reconhecê-lo como um autônomo que foge a minha compreensão, mas isso não significa que eu não possa alcançá-lo, até porque a grande sacada está justamente nessa busca por esse Outrem que se esconde na revelação do Rosto, que está visivelmente diante de mim, mas que sempre será um mistério, ou seja, embora o Rosto mostre um sorriso, não se sabe ao certo se o interior também está sorrindo.

O Outro é um mistério e por isso ele me afeta muito antes de eu poder concebê-lo racionalmente. Pois compreender não está no campo racional, mas na sensibilidade que é o ponto de partida para a alteridade. Uma vez diante dessa situação na qual o Eu se relaciona, a responsabilidade entra como consequência do encontro face a face, a partir dela se dá a valorização e o respeito ético pela vida de Outrem.

O homem sempre será um sujeito dependente de tudo o que estiver ao seu exterior, porém sua maior dependência será a pessoa do Outro. Jamais em Lévinas será afirmado à negação do Outro para a valorização do Eu, mesmo que este Eu tenha grandes potencialidades de crescimento e destaque perante o Outro, ele de nada valerá sozinho enquanto um ser isolado, mas somente pela ética da alteridade é que o sentido de viver e existir será substancial e conduzirá o homem a uma vida de dignidade e respeito.

A ética de Lévinas é a ética do Outro. Ele defende ferrenhamente como filosofia primeira e põem em xeque o pensamento ocidental ontológico que peca em querer compreender o mundo a partir do Mesmo, esquecendo-se de que é na relação humana, pessoal, face a face que se pode compreender e perpetuar o pensamento filosófico ético.

## Referências

ARAÚJO, Ramiro Nazário de. **A ética a partir da alteridade na filosofia de Emmanuel Lévinas**. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2018 (Trabalho de Conclusão de Curso). CD-ROM.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

HUTCHENS, B. C. **Compreender Lévinas**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2007.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre alteridade**. Coordenador da tradução Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Trad. de Pergentino S. Pivatto e colaboradores. Petrópolis: Vozes, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

MARTINS, Rogério Jolins; LEPARGNEUR, Hubert. **Introdução a Lévinas: Pensar a ética no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Como ler filosofia).

OLIVEIRA, Manfredo A. de. (Org.). **Correntes fundamentais da ética contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2009. Vários autores.

SOUZA, Ricardo Timm; FARIAS, André Brayner de; FABRI, Marcelo. **Alteridade e ética: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de**

Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. (Coleção Filosofia; 204).

ZILES, Urbano. **Panorama das filosofias do século XX**. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Filosofia).